

02-09-2024

O incrível caso da formiga perdida numa loja de sapatos

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Para Scarlato e Everaldo Costa

Há muito que se sabe: sapatos protegem os pés e eles, os pés, foram feitos para caminhar e para sustentar corpos humanos de estrutura bípede. Pelo que constam nos diários históricos, os sapatos, tal como conhecemos, foram inventados no século XVIII. São filhos da revolução industrial e do começo do modo de vida urbano. Entretanto, os relatos históricos demonstram também que na Mesopotâmia e no Egito, desde 5 (cinco) mil anos antes de Cristo, já havia sandálias feitas de couro e fibras vegetais. Desde esse período, sapatos são ícones de poder. Naquela época, somente os soberanos babilônicos, egípcios e sumérios, poderiam usá-los. De lá para cá, mudaram-se a estrutura social, a organização da política, o mundo do trabalho, as culturas. Mudaram também os sapatos. Muitos estão angariando prestígios nas passarelas de modas; outros estão luzidios nos pés de inventores de guerras e na lustrosa sala do governador da província. Já estiveram nos castelos empoeirados e viris e nas fábricas cheias de gritos e sirenes. Estão nas escolas, nos pés dos mortos, nos haicais: “isso é fato/a longa história/é contada nos vestígios do sapato”. Joaquim Pedro, poeta mineiro, vai bem com: “Foram-se os sapatos/ ficaram as caixas/cheias de lembranças”. O vulto social dos sapatos é registrado nas sapatarias, elas existem em todos os países do mundo, nas lojas de todas as cidades, nos pés de dançarinas, de trabalhadores suados, de estudantes lépidos, de policiais com seus coturnos de brasa... Foi aí que uma formiga, uma formiguinha se meteu. Conto-lhes a história.

A formiguinha passeava no ocaso do dia pela cidade, sentiu o cheiro de cola, considerou que o produto gerador do cheiro tivesse açúcar. Com açúcar no organismo teria muita energia para cumprir os mandamentos de animal fadado ao trabalho. De repente, se viu sozinha numa loja de sapatos. Teve um susto com os sapatos de bicos pontiagudos. Teve medo; alegrou-se com os arredondados, andou inquieta numa palmilha colorida.

Deslumbrou-se como se estivesse no teatro de Atenas.

Chegou a sentir inveja humana. Formigas, ela e todas, não usam sapatos. Daria tudo, tudo mesmo, para andar de sapatos, desfilarem na *Fashion Week*, dançar valsa no salão da igreja, ser protagonista de uma banda do interior de Goiás. Se pudesse usar sapatos, carregaria o dobro de folhas que comumente transportava. Mas o fato era triste: formigas não tinham vocação e índole para o trabalho em sapatarias. Não sabiam curtir o couro, pregar, envernizar, colar... Sapatos humanos não iam se ajustar em seus pés de andarilhas noturnas.

Eram, sim, figuras proletárias, trabalhavam coletivamente. Sem trabalhar não existiriam. O trabalho lhes pertencia à alma. Para as formiguinhas, o trabalho era ontológico, lhes geravam o sentido da existência. Em fraternidade laboral, cerzia os dias e especialmente as noites... Enquanto imaginava, pensava e sonhava com sapatos, começou a sentir uma tontura. Estava ficando louca. Teve, no momento, uma mistura de êxtase libidinal com compulsão por sentir mais cheiro. Aliás, não deixava de cheirar os sapatos, assim ia, ia, ia. Percebeu que estava viciada em cola. Embora perdida, tinha atração pela cola. Sentiu-se fragmentada. No transe, tentou calçar um espartilho, experimentou uma botina, provou uma chuteira, dormiu no colo afável de uma pantufa. Prostou-se. Havia perdido o seu mundo. Sentiu que estava só e desamparada. Num mundo alheio, como no da loja de sapatos, não havia como caminhar. Chegou a perguntar o que os humanos perguntam: “o que eu sou?”. Estava perdida. Percebeu que sem território não há identidade. E sem a identidade a consciência deambula como um vento vulnerável. A sua identidade estava ameaçada: sapatos não lhe convinham, como agrotóxicos não convém aos alimentos - sintetizou. Estava perdida em si porque não sabia se localizar no mundo que não era o seu. Deu de observar os vidros, os vernizes, as faixas de letreiros. Os olhos se embaraçavam. Precisava urgente de terra, a terra ia lhe curar. A terra é simples, ampla, diversa. Inesgotável. Abriu um sorriso porque compreendeu que a terra é viva e fecunda. Dela sai o alimento, a moradia, os objetos do trabalho. Depois, deu de chorar. Percebeu que a terra estava artificializada, vigiada, controlada, como os sapatos. Ganhou coragem e força. Foi pelas beiradas até sair da loja. Após sair, olhou para trás. Poderia ministrar uma conferência de geografia na Universidade de São Paulo. O tema estava pronto: TERRA, TERRITÓRIO E VIDA - o poder afetivo da solidariedade.

■ ■ ■